



redação de
CAMPEÃO

Aula 14-

“A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA O BRASILEIRO”

Professora Candice Almeida

Professor João Filipe Magnani

contato@redacaodecampeao.com.br; www.redacaodecampeao.com.br

TEMA: A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA O BRASILEIRO

“A arte existe porque a vida não basta”. (Ferreira Gullar)

Comida – Titãs

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida

Diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída

Para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida

Diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida

Como a vida quer

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer

A gente quer comer

E quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer

Pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro

A gente quer dinheiro

E felicidade

A gente não quer só dinheiro

A gente quer inteiro

E não pela metade

"Vida em Branco." – Zelia Duncan

Você não precisa de artistas?

Então me devolve os momentos bons

Os versos roubados de nós

As cores do seu caminho

Arranca o rádio do seu carro,

Destrói a caixa de som,

Joga fora os instrumentos

e todos aqueles quadros,

Deixa sua parede em branco

Assim como a sua cabeça,

Seu céu de cimento,

Silêncio cheio de ódio,

Armas pra dormir,

Nenhuma canção pra ninar

E suas crianças em guarda,

Esperando a hora incerta

Pra mandar ou receber rajadas.

Você não precisa de artistas?

Então fecha os olhos,

Mora no breu,

Esquece o que a arte te deu.

Finge que não te deu nada,

Nem um som, nenhuma cor,

Nenhuma flor na sua blusa,

Nem Van Gogh nem Tom Jobim,

Nem o Gonzaga nem Diadorim,

Você vai rimar com números,

Vai dormir com raiva

E acordar sem sonhos, sem nada.

E esse vazio no seu peito

Não tem refrão pra dar jeito.

Não tem balé pra bailar.

Você não precisa de artistas?

Então nos perca de vista.

Me deixa de fora

Desse seu mundo perverso,

Sem verso, sem graça, sem alma.

Bom dia para quem tem alma.

Marcos Caruso critica Regina Duarte na internet: "cultura é cultivar bons hábitos"

[Yahoo Vida e Estilo](#), 20 de abril de 2020

Marcos Caruso demonstrou grande frustração com o descaso do governo federal com a morte de grandes ícones da cultura brasileira, como Moraes Moreira e os escritores Rubem Fonseca e Luiz Alfredo Garcia-Rosa, nos últimos dias.

“Muitas palavras poderiam traduzir o meu sentimento, mas eu queria dizer que, no mínimo, eu estou triste. É um mínimo sentimento diante do mínimo que eu esperaria que fosse feito pela cultura do meu país. Há poucos dias, em 4 dias, nós perdemos 3 dos maiores expoentes da nossa cultura e, por

conta do isolamento social, filas não se aglomeraram diante do [Teatro] Municipal [do Rio] pra despedir de Moraes Moreira. Academia Brasileira de Letras não fez grandes homenagens para Rubem Fonseca e Garcia Roza foi enterrado só entre amigos e parentes. Então, eu acho que uma nota de pesar, em nome do Brasil aos seus filhos eméritos, poderia ter sido dada. Seria o mínimo. Cultura também é cultivar bons hábitos.” (Marcos Caruso)

Isolamento social revela importância do audiovisual

BLOG – CENTRO EUROPEU - 16 de abril de 2020

O isolamento social proposto pelo Ministério da Saúde como estratégia para controle da pandemia do novo Coronavírus atingiu em cheio o estilo de vida e deixa evidente a importância da indústria audiovisual. Para o cineasta e um dos supervisores do curso de Cinema do Centro Europeu, Fernando Severo, o audiovisual ganhará grande destaque como alternativa de entretenimento e informação enquanto durar a quarentena.

Segundo a Akamai, provedora de entrega de conteúdo virtual, com a pandemia houve aumento de 50% do tráfego de internet em plataformas de streaming. O Instituto Nielsen, responsável por medir a audiência de plataformas como Netflix e Amazon Prime, por exemplo, calcula 156 bilhões de minutos de conteúdo baixado na última semana, um aumento de 36% se comparado com a semana anterior.

Segundo números do setor, o audiovisual brasileiro corresponde a 1,67% do Produto Interno Bruto (PIB), movimentando R\$ 25 bilhões ao ano, e gera mais de 300 mil empregos diretos e indiretos em toda a cadeia produtiva – produção, distribuição, exibição, entre outros.

“Com o fim da crise vamos ter uma grande demanda na área, que vai sair valorizada porque as pessoas vão ter uma

consciência maior da importância do audiovisual em suas vidas e para o desenvolvimento do país”, afirma Severo.

Os processos criativos, criação de roteiros, desenvolvimento de projetos e edição de material já gravados não precisam ser interrompidos, mas a crise também é oportunidade para estudo na área e inovação. A expectativa é que o setor se reinvente após a pandemia.

Quem precisa de arte?

Como dar dinheiro público para artistas enquanto há gente morrendo nas filas dos hospitais? O argumento, frequentemente utilizado por aqueles que querem ver o fim da Lei de Incentivo à Cultura, é capcioso.

Ele é forte demais. Afinal, por melhores que sejam os serviços de saúde de um país, sempre haverá restrições de oferta, isto é, pessoas tentarão conseguir um tratamento e não terão sucesso. Se levássemos a ferro e fogo a ideia de que a vida tem prioridade absoluta, o Estado estaria impedido de realizar qualquer gasto que não em saúde até que todos os pacientes tivessem sido atendidos.

E, obviamente, o país não funcionaria. A própria rede hospitalar só se torna operacional se houver investimentos em infraestrutura, segurança, educação etc. O Estado é complexo demais para ser administrado por intuições.

O que faz mais sentido é estabelecer quanto cada rubrica receberá e cuidar para que o dinheiro seja aplicado da melhor forma possível, tendo em vista

Hélio Schwartzman - Jornalista, foi editor de Opinião. É autor de "Pensando Bem...".

princípios norteadores da administração pública como eficiência e impessoalidade.

Nesse quesito, o saldo da Lei de Incentivo à Cultura [cujo teto é de R\$1 milhão] é híbrido. Ao delegar a escolha dos projetos que serão financiados para agentes privados (vamos fingir aqui que estatais não sejam influenciadas por políticos), ela evita o risco do dirigismo governamental. Para ver como isso é importante, basta imaginar os espetáculos que Bolsonaro financiaria se tivesse livre escolha.

Receio, porém, que a Lei peque na questão da eficiência. Ela não apenas permitiu que se articulasse um esquema clientelista de despachantes da cultura como ainda exige pouca contrapartida dos empresários. Em alguns casos, podem abater do imposto devido até 100% do montante doado.

A menos que optemos por viver num mundo sem museus e grandes orquestras, o que não recomendo, precisamos aprimorar a antiga Lei Rouanet, não acabar com ela.

Coronavírus, medo e incerteza: a importância da arte em momentos de caos

Em época de grandes rupturas, produtos culturais refletem as incertezas da sociedade

REVISTA ROLLING STONES, 21/03/2020,

Coronavírus, crise econômica e, entre outros fatores, formam o contexto atual no qual o desespero e o caos tomam conta da sociedade - uma ruptura da ordem rotineira da vida. No entanto, o pânico também pode se transformar em arte. Inspiradores, irônicos, cômicos ou não, produtos culturais já se baseiam na atual pandemia, como o recém-anunciado *Corona Zombies*.

Na situação atual, a própria arte tem se modificado. Com a recomendação de não sair de casa e o **adiamento de estreias** e eventos culturais, como o **Lollapalooza**, **bandas fazem shows online**. Um exemplo é o grupo de metal **Code Orange**, que usou o **Twitch**, plataforma de vídeo da **Amazon**, para fazer um show de graça para 13 mil pessoas - simultaneamente.

Aulas de música e dança também têm explorado outras possibilidades, como, por exemplo, lives e videochamadas - alternativas para a sociedade continuar e ressignificar a produção artística e intelectual.

Com o coronavírus, **a arte tem sido explorada das varandas e janelas** das casas e apartamentos ao redor do mundo. A música compartilhada entre os vizinhos tem sido uma nova forma de estabelece vínculos durante a quarentena.

Na Itália, um dos países mais afetados pela pandemia, vídeos de pessoas se unindo para tocar e cantar já viralizam nas redes sociais.

Diante do pânico e caos, a arte vincula, preenche o espaço deixado vazio pelo isolamento social e serve de companhia. Segundo a pesquisadora **Christine Greiner**, o "Homem produz manifestações artísticas em busca de sobrevivência". Em momento de ruptura, a arte migra da condição de possibilidade para necessidade.

O impacto da atual pandemia de coronavírus é vislumbre do momento em que o medo vira arte. Alguns exemplos são os diversos filmes sobre conflitos mundiais, como os icônicos *Bastardos Inglórios* (2009, **Quentin Tarantino**) e *Guerra ao Terror* (2008, **Kathryn Bigelow**).

• *Veja a seguir alguns exemplos de momentos caóticos transformados em produções artísticas:*

O artista tcheco **Filip Hodas**, conhecido por **Hoodass**, levou o cenário apocalíptico para a cultura pop em um futuro distópico com ícones do entretenimento abandonados.

Na poesia, **Vinicius de Moraes** escreveu, pouco após a 2.^a Guerra Mundial, um dos poemas mais emblemáticos da carreira: *Rosa de Hiroshima*. O registro é um protesto sobre as explosões de bombas atômicas ocorridas na cidade de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, durante o conflito mundial ocorrido entre 1939 e 1945.

O poema, mais tarde, virou música interpretada por **Ney Matogrosso** na época em que integrava o grupo **Secos e Molhados**.



A explosão na usina nuclear de Chernobyl também foi palco de outras produções artísticas. Para além de filmes, como *Chernobyl* (2012), o maior acidente nuclear da história é tema de fotografias artísticas e, atualmente, virou espaço de arte.

A tragédia aconteceu em 1986, na Ucrânia. No entanto, em 2016, um artista utilizou uma das paredes da usina para pintar um mural. A obra de arte do artista australiano **Guido Van Helten** foi realizada em homenagem a **Igor Kostin**, um dos cinco fotógrafos autorizados a registrar o desastre no dia ocorrido.

Para que serve a arte?

ALAIN DE BOTTON - especial para a Folha

Os filósofos frequentemente encararam a arte com um misto de curiosidade e inveja. Ora, não são os capítulos finais dos livros de filosofia que fazem as pessoas chorar (exceto os estudantes, que choram de alívio); escultores, músicos e novelistas conseguem agradar o nosso eu mais profundo de uma maneira singular, impossível a qualquer filósofo. As pessoas podem ter considerado Hegel e Hume inteligentes, mas era com Byron e Keats que elas queriam dormir.

Eis o que nos leva a questionar: o que é arte e por que ela nos domina de modo tão avassalador? Um dos mais sugestivos pensadores a se debater com essas questões foi o filósofo e dramaturgo alemão Friedrich Schiller (1759-1805). Nas suas "Cartas sobre a Educação Estética do Homem", Schiller reflete sobre o sentido da arte. Começa por distinguir dois lados da natureza humana: o primeiro, que ele chama de estado sensível, se refere a uma dimensão espontânea, emocional, comum a crianças; a segunda, designada como estado de razão e frequente em filósofos, implica uma perspectiva racional, ordenada e lógica em relação ao mundo. Schiller argumenta que a composição psicológica dos seus contemporâneos é fragmentada, sendo-lhes difícil integrar os dois lados de sua natureza. É precisamente aqui que a arte entra em cena: Schiller pensa ser ela a melhor maneira de fundir o lado natural, sensível do homem com a sua dimensão racional. A arte poderia educar as pessoas desprovidas de um ou outro temperamento a se tornarem indivíduos mais integrados. Nesse sentido, o pensador argumenta: "Só se transforma em racional um homem sensível tornando-o primeiramente estético". E complementa: "Apenas a percepção do belo faz do homem algo inteiro, porque ela coloca em harmonia ambos os lados da sua natureza".

Schiller não foi o primeiro filósofo a polemizar a respeito das dimensões terapêuticas da arte. Em sua "Poética", Aristóteles (384-322 a.C.), investigando por que as pessoas gostam de assistir a peças trágicas, chega à noção de catarse. Uma boa tragédia suscita no público uma mistura de compaixão e temor quanto ao destino do herói ou heroína. As pessoas choram e se apavoram ao assistir "Medéia". Ao mesmo tempo, no entanto, a peça desencadeia a catarse ou purgação dessas emoções, de forma que, ao término do espetáculo, o público se sente mais esclarecido e apto a lidar com a realidade que o envolve.

Aristóteles e Schiller influenciaram bastante o primeiro livro de Nietzsche (1844-1900), "O Nascimento da Tragédia". Aqui o autor argumenta que a antiga tragédia grega nasceu de uma conjunção de dois impulsos da natureza

humana. Outro exemplo é *Alemanha Ano Zero* (1948, **Roberto Rossellini**), uma produção muito próxima à realidade da Segunda Guerra Mundial. A obra foi gravada três anos após o conflito, e mostra as consequências do evento: Berlim destruída por bombardeios e ocupações aliadas.

Sobre uma criança alemã que vaga pela cidade vivenciando diversas infelicidades trazidas pela guerra, o longa é considerado uma das produções mais importantes da história do cinema.

humana. O primeiro, o espírito dionisíaco, é um estado selvagem de exaltação e embriaguez, enquanto o segundo, o ordenado e frio espírito apolíneo, se expressa na arte como beleza formal. O milagre da arte reside no fato de manter juntos esses dois elementos, unificando ordem e embriaguez.

As perspectivas estéticas de Nietzsche, Aristóteles e Schiller são impressionantemente práticas: o que garante o valor à arte são os seus efeitos benéficos sobre a psicologia do público. [...]

Já que os filósofos tradicionalmente estiveram preocupados em encontrar a verdade e afastar a ilusão, é natural que às vezes tenham se questionado a respeito do valor de verdade da arte. Apesar de tudo, muitas obras de arte são "imaginárias", ou seja, não mantêm qualquer relação com eventos fatuais. São meros produtos da imaginação, de forma que não podem reivindicar muito o respeito dos filósofos, concentrados que estão na busca da verdade.

O mais famoso filósofo a desprezar a arte como mera ilusão foi Platão (427-347 a.C.). Para ele, a arte apenas imita o mundo, produzindo cópias de coisas que já existem na realidade. [...]

Houve duas linhas principais de respostas à crítica platônica da arte. A primeira foi alegar que a arte não nos desvia da verdade, mas que é meramente uma maneira de nos fazer enxergar certas verdades impossíveis de serem vistas por meio da razão (argumentação de Schiller). Entretanto, talvez tenha sido Nietzsche o autor da mais interessante resposta ao ataque platônico. Em lugar de defender a arte com base no fundamento de verdade desta, o pensador alemão proclamava que o valor da arte reside precisamente no fato de que ela não é verdade, de que é uma ilusão.

Para Nietzsche, um mundo sem arte é um lugar desesperado, e uma visão de mundo honesta, esclarecida, só poderia nos conduzir ao suicídio. Eis o porquê do seguinte aforismo: "A razão definitiva da nossa gratidão em relação à arte: a honestidade traria consigo desgosto e suicídio. Mas é-nos possível evitar tais consequências com a ajuda de um poder que contrabalança com a honestidade: a arte". O artista transfigura o mundo, dota-o de sentido e beleza, tornando-o assim passível de ser vivido: "A arte aparece como uma fada encantadora que redime e cura. Ela transforma reflexões horríveis sobre o terror e a absurdo da existência em representações com as quais os homens podem viver... A arte é essencialmente a afirmação, a bênção e a deificação da existência".



Vem daí a reflexão de Nietzsche, inscrita certa vez ao acaso nas margens de um caderno de notas: "Essencialmente sou bem mais a favor de artistas do que de qualquer filósofo que tenha aparecido até agora". Felizmente para ele, muitos

artistas ratificaram esta perspectiva -e pensamos que, entre outros, Bernard Shaw, Kafka, Proust, Mann e D.H. Lawrence assumiram Nietzsche como um de seus pensadores favoritos.

Alain de Botton é escritor britânico de origem suíça.

* **Medeia** é uma tragédia grega de [Eurípides](#), datada de 431 a.C. Nela foi apresentado o retrato psicológico de uma mulher carregada de amor e ódio a um só tempo. Medeia representa um novo tipo de personagem na tragédia grega, como esposa repudiada e estrangeira perseguida, ela se rebela contra o mundo que a rodeia, rejeitando conformismo tradicional. Tomada de fúria terrível, mata os filhos que teve com o marido, para vingar-se dele e automodificar-se. É vista como uma das figuras femininas mais impressionantes da dramaturgia universal.

MÃOS À OBRA

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **“A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA O BRASILEIRO”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Seu texto deve ter entre 07 e 30 linhas escritas.

